

Liza Bilhalva Martins¹

**“TE DESSE BEM NA PESCA, ACHO
QUE BEBESSE ÁGUA DE BATEIRA”:
Conexões multissensoriais com o
mundo das pescadoras no Rio Grande
do Sul**

**“YOU FISHED WELL, I THINK YOU
DRANK BOAT WATER”: Multisensory
connections with the world of
fisherwomen in Rio Grande do Sul**

¹ Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG) e professora formadora EAD da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

RESUMO

Este artigo propõe refletir sobre experiências e aprendizagens fundamentadas em dedicar atenção às coisas na conexão com o mundo (INGOLD, 2010). A pesquisa que possibilitou essas experiências foi realizada com pescadoras embarcadas da pesca artesanal no sistema lagunar-costeiro do sul do Rio Grande do Sul. Pescadoras e pescadores artesanais aprendem a pescar observando, fazendo e criando a partir da vivência em seus ambientes terrestres e aquáticos, em interação com humanos e não humanos. Ao trazer essa perspectiva para o trabalho de campo, tornou-se necessária uma compreensão profunda sobre como as pescadoras realizam a pesca e constroem seus mundos na pesca artesanal — o que implicava, evidentemente, estar lá, de corpo e alma, na navegação e nas pescarias — por meio do engajamento sensorial e corporal da pesquisadora nas mesmas situações vividas e praticadas pelas pescadoras.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia sensorial; pescadoras artesanais; pesca embarcada.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on experiences and learning processes grounded in paying attention to things and in connecting with the world (INGOLD, 2010). The research that made these experiences possible was carried out with fisherwomen engaged in artisanal fishing in the lagoon-coastal system of southern Rio Grande do Sul. Artisanal fishers, both women and men, learn to fish by observing, doing, and creating from their lived experiences in terrestrial and aquatic environments, in interaction with both human and non-human beings. Bringing this perspective into the fieldwork required a deep understanding of how the fisherwomen practice fishing and build their worlds within artisanal fisheries — which evidently implied being there, in body and soul, during navigation and fishing activities — through the researcher's sensorial and embodied engagement in the same situations lived and practiced by the fisherwomen.

KEY WORDS: Anthropology; artisanal fisherwomen; boat fishing.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe apresentar reflexões sobre experiências e aprendizagens em pesquisa alicerçada em dedicar atenção às coisas se conectando com o mundo através da vivência incorporada/encarnada (INGOLD, 2010). A pesquisa etnográfica² que proporcionou esta experiência, foi realizada com pescadoras embarcadas³ da pesca artesanal no sistema lagunar-costeiro no sul do Rio Grande do Sul.

Parte-se da premissa que pescadoras e pescadores aprendem cotidianamente a pesca, observando, fazendo e criando a partir da vivência em seus ambientes terrestres e aquáticos, em interação com humanos e não humanos. Desde os primeiros contatos no trabalho de campo, restou evidente que para compreender a pesca de captura praticada por mulheres seria fundamental compreender o mundo delas na pesca, que incluía, obviamente, estar lá – de corpo e alma – na navegação e nas pescarias, a partir do engajamento sensorial corporal da pesquisadora nas mesmas situações vividas e praticadas pelas pescadoras.

Já nas primeiras incursões para as pescarias uma reflexão surge: fazer pesquisa antropológica e pescar são atos que se comunicam, estão na mesma trama, ou seja, é preciso aprender fazendo. A minha experiência de campo traduzia-se, portanto, de forma análoga a das pescadoras e, assim, rapidamente, me convenci que era preciso viver e experienciar a atividade de forma encarnada. Esse envolvimento abarcava multidimensões de corporalidade e conexões com as materialidades do mundo mais que humano. Conforme vou descrever nas linhas que seguem, foi preciso, a todo instante, pensar e agir com meu corpo alinhavado no e com o mundo das pescadoras, aprendendo, conectada e atenta, de forma multissensorial com os olhares, gestos, sons, silêncios, cheiros, temperaturas, ventos e marés.

APRENDIZAGEM MULTISSENSORIAL: EDUCAÇÃO DO/NO CORPO DA PESQUISADORA

Na relação de pesquisa não são só os corpos dos/as outros/as que se constroem. Rose Gerber (2015) quando pesquisou com pescadoras de Santa Catarina, nos alertou a respeito de que nossos corpos – os corpos de pesquisadoras(es) – também passam por processos e rituais de passagens,

² Tese de doutorado - Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (2022) – Título: Lagoas de mulheres: pescadoras embarcadas e Educação Ambiental no sistema lagunar-costeiro do/no sul do Rio Grande do Sul / Liza Bilhalva Martins – Orientação: Prof. Dr. Gianpaolo Adomilli. Financiamento CAPES.

³ Pesca embarcada é um conceito êmico que se refere a pesca de captura realizada a bordo de embarcação.

no intuito de nos educarmos no trabalho antropológico na pesca. Nesses corpos, repousam muitas marcas, seja pela sujeição da imobilidade para as muitas horas sentada para a escrita solitária, seja para a mobilidade para estar em campo. O trabalho de campo nos leva para situações jamais vividas anteriormente, conhecemos lugares, acompanhamos atividades, festas, rituais e trabalhos que não seriam acompanhados se ali não estivéssemos com o estatuto de pesquisadora ou pesquisador.

No meu caso, posso dizer que vivi uma experiência radical de alteridade, em que precisei aprender como uma criança aprende, desde os primeiros passos, sensações e palavras do mundo da pesca. O resultado significou no que Pink (2009) denomina de uma “etnografia sensorial” (PINK, 2009) construída com as pescadoras, mestras impecáveis na arte de ensinar, juntamente com toda a ambiência da pesca que acabou por me atravessar e me forjar enquanto pesquisadora e educadora ambiental.

Etnografia sensorial (sensory ethnography), sugere Pink, é a prática pela qual a pesquisadora deve utilizar de todo seu corpo sensorial ao compilar e interpretar os dados da investigação, ligando-nos na mesma atividade diária de outras pessoas. Segundo Pink (2009), a percepção sensorial não é apenas dialogada, e nossas interações sociais não são apenas baseadas em comunicações verbais e impressões visuais. Ou seja, apreender as experiências de outras pessoas pode ser mais bem compreendido quando nós, pesquisadoras e pesquisadores, também estamos vivenciando, e não apenas ouvindo ou lendo as representações dessas experiências.

É dentro desse contexto que Payne (2013) também desafia a representação dos dados na pesquisa, sobretudo em Educação Ambiental, afirmando que a linguagem de textos e números é uma forma antropocêntrica de comunicação e não revela o teor eco/somaestético (corpo engajado /mente encarnada e multisensorial) da experiência da natureza.

Neste mesmo sentido, Isabel Carvalho e Rita Muhle (2016), ao tratarem da atenção nos processos de aprendizagem como proposta de uma Educação Ambiental “fora da caixa”, argumentam a favor de uma educação baseada na experiência que, longe de ser algo novo da história da educação, constitui-se em abordagens que valorizam a autoformação na multiplicidade de experiências que o sujeito vive no mundo, numa ação recíproca entre pessoa e seu ambiente de vida. Então, assumindo o “fora da caixa”, “eco/somaestético” ou numa “etnografia sensorial”, aprendi e busquei comunicar esse modo de vida, imersa no ambiente da vida das pescadoras.

TEMPO E O VENTO: SABERES PARA EMBARCAR

Observei, ainda em terra, muitas habilidades e percepções biocósmicas desenvolvidas pelas pescadoras ao longo da vida. O tempo e o vento são os primeiros a serem considerados/observados na preparação para as pescarias – inclusive a literatura já tem nos preparado nesse sentido

(FERREIRA, 2012; MALDONADO, 1993). As pescadoras estão sempre atentas para as previsões meteorológicas, bem como para a atenção dos referenciais sobre direção do vento e a forma como ele se manifesta. *Vento sul, vento nordeste, rebojo de vento, vento que esgaça*⁴ eram muitas as formas de se referir a esse personagem que manda, desmanda, influência, é observado, escutado e obedecido nas preparações para as pescarias e, também, quando se já está nelas.

Era fundamental, portanto, enquanto pesquisadora, ficar atenta aos diferentes tempos e ritmos dos ventos, a fim de compreender a dinâmica e conhecimento das pescadoras. Esse engajamento corresponsivo com a natureza, no qual Ingold (2020) nos alerta, não pode ser ensinado com palavras, ele tem que ser experimentado na prática através de um educar a nossa atenção. Donna Haraway (2016) e Isabelle Stengers (2018), na mesma direção nos dizem que existimos em arranjos de espécies orgânicas e de atores abióticos, que nós humanos não somos uma espécie limitada, autoconstituente, somos simpoiese, ou seja, há a todo instante em nossas vidas criações conjuntas. Esses ensinamentos restavam cada vez mais evidentes para mim, conforme minha convivência com as pescadoras se intensificava e fortalecia.

Além do vento, o tempo também era algo que as pescadoras depositavam muita atenção. Que tempo era esse que elas esperavam que se firmasse para continuar a pescar? “Tempo ruim, tempo bom, tempo difícil, tempo brabo” eram expressões que não remetiam a questões de temperatura, de clima, mas se estava tempo bom para a pesca. Ingold (2000), ao tratar questões relacionadas ao conhecimento tradicional adquirido das práticas locais, usa a expressão *weather* (tempo) em contraposição à expressão científica, *climate* (clima).

Clima é registrado pelos cientistas, e está para as variáveis que são medidas, como temperatura, precipitação e pressão atmosférica. Já o tempo diz respeito ao calor, frio, tempestade, época de colheitas e feitos, é algo experimentado pelo grupo com o ambiente, obedecendo aos ciclos das estações. Segundo o autor, não se trata de prescrições culturais, mas do conhecimento que vem da prática, das experiências de vida e do movimento naquele lugar.

Terra e lagoa se complementam, mas com significados distintos e com distintas temporalidades em relação aos movimentos e ritmos que permeiam o ciclo de trabalho, os quais traduzi da seguinte maneira: na terra, é o tempo de espera que prevalece e, na lagoa, é o tempo de procura e captura do pescado.

Entretanto, como pude acompanhar no cotidiano das pescadoras, o tempo de espera traduz-se num tic-tac que, longe de ser tempo ocioso, é antes de mais nada um tempo repleto de acontecimentos e multitarefas enquanto se espera ir pescar.

⁴ Expressões locais das pescadoras e pescadores artesanais para se referir aos ventos: *Rebojo de vento* é a denominação local para o vento Sul – vento frio e forte que faz represar as águas interiores e continentais. Vento sul e vento nordeste são os ventos que definem se está bom ou ruim para a pesca. Vento que esgaça é aquele vento que atrapalha a puxada da rede por mexer demais com a maré.

SORTE? OU CONHECIMENTO?

Há também um tema central: a sorte, em torno da qual giram os vários aspectos da vida das pescadoras e pescadores. Dadas as incertezas e riscos que permeiam a pesca, como por exemplo, os fatores climáticos e de mercado, cria-se uma psicologia particular e um certo apego à vida do mar, pois estar nas águas é única forma possível de se obter uma boa pesca e um bom futuro. Da lagoa se espera a sorte, o contrário seria o fracasso de uma pescaria mal sucedida, traduzida pelo pouco peixe na rede ou por acidentes e naufrágios. O tema da sorte é tão central, inclusive abordado em inúmeras pesquisas sobre pesca (DUARTE, 1999; ADOMILLI, 2007 GERBER, 2015), que eu, enquanto pesquisadora, também dependi dela a todo instante na pesquisa. Sorte para encontrar as pescadoras, sorte para estabelecer uma boa relação, sorte para embarcar, sorte para não enjoar, sorte para me dar bem na embarcação. Enfim, quando se pratica e pesquisa a pesca, sorte é preciso ter.

Mas esta sorte às vezes é enaltecida em detrimento de uma série de cuidados e conhecimentos que fazem as pescadoras terem sucesso. Percebi um maior cuidado por parte delas em relação às condições do tempo. Em muitas situações elas me disseram o que a pescadora Márcia enfatiza: eles [os pescadores] vão de qualquer jeito, aí é complicado, tu passas trabalho sem precisar. Esta narrativa expressa que, para além da pescadora ser mais cuidadosa quanto aos perigos, riscos e imprevisibilidade na pesca, o seu corpo tem limites, ou seja, ela está nos dizendo que não é uma mente em um corpo pensando, atribuindo significado para as coisas e representando o mundo e, sim, um corpo como centro e origem do ser e estar no mundo: uma mente encarnada ou engajada que não separa o pensar – fazer e o sentir.

A figura 1 nos mostra a pescadora Márcia a bordo da embarcação na Lagoa dos Patos percebendo as condições para iniciar a pesca do camarão.



Figura 1: *Pescadora Márcia a bordo da embarcação da Lagoa dos Patos - momento de observação das condições para a pesca. Foto da pesquisadora*

São corpos femininos na/com/como natureza que fazem conexões viscerais com o mundo, cujo significado vem das percepções corporais, movimentos, emoções e sentimentos. Márcia nos mostra o lugar do ser humano no ambiente-mundo, que “é o de um ser imerso no fluxo da vida e dependente dos processos e movimentos que constituem nossos corpos e nossas mentes” (STEIL; CARVALHO, 2014, p. 11). Percepção e prática, dois termos que merecem destaque quando adotamos as epistemologias

ecológicas⁵ e feministas⁶, pois o corpo feminino só existe na relação com o mundo e, assim, se torna corpo-no-mundo. Mente e corpo se derramam sobre o mundo, nos diz Ingold (2011), e olhando para a pesca, se percebe um campo de sinergia entre pescadora, barco, artefatos, peixes, ventos, marés e lagoa.

O corpo tem que ser forte, ter que ter jeito. Não interessa se é homem ou mulher. Tem que ter braço e estar no ritmo, ser como o peixe. Não é fácil, mas eu gosto (Pescadora Betinha). O ensinamento de Betinha nos diz que esse corpo feminino que não se atira de qualquer jeito, tem que ser forte e estar no ritmo, é um corpo experiente que, considerando a imprevisibilidade da pesca, tenta, ao menos, antecipar e evitar desastres e desgastes.

Aqui, o conceito de hábito desenvolvido por Dewey e recuperado por Ingold (2020) se mostra uma noção interessante para refletirmos sobre a construção de corpos na pesca, se pensarmos que o fazer está dentro do passar por algo, visto que, realizar uma experiência, é estar sempre dentro dela, é habitar nela. Seguindo essa perspectiva, temos que os hábitos não nos fazem, tampouco, nós fazemos os hábitos, estamos nós, portanto, no meio do hábito, “um eu que habita em suas próprias práticas é recursivamente gerado por elas” (INGOLD, 2020, p. 40).

Esse aprender contínuo com hábitos gerados na corresponsividade da vida, desnaturaliza as noções de inato, porque, embora as pescadoras da pesquisa tenham verbalizado que é preciso ter jeito para a pesca, a observação das práticas e a escuta das narrativas permitiu que ponderássemos que há um processo de construção dessas pessoas no decorrer da vida que faz com que se tornem pescadoras. Elas aprendem a se tornar pescadoras sabendo lidar com seu corpo gerado e construído na/com/pela pesca.

A pescadora Márcia, enquanto organizava as redes e apetrechos para a pesca na embarcação, demonstrava esse processo de construção de um corpo feminino na pesca. Nas figuras 2 a 5, percebemos que existia um certo jeito, ou jeitos, os quais fui entendendo e aprendendo sobre ritmos e maneiras de realizar sem precisar desgastar para além do necessário que a atividade já exige.

⁵ Episteme que coloca o foco na inteireza do mundo para melhor compreendê-lo. Que se contrapõem às dicotomias clássicas, tais como: natureza e cultura, corpo e mente, sujeito e objeto, e partem de uma premissa compartilhada de que os significados, os conceitos e as abstrações que resultam do processo do conhecimento não constituem um mundo à parte em relação à matéria e às coisas, Steil e Carvalho (2014) denominaram como “Epistemologias Ecológicas”.

⁶ Epistemologias feministas decolonial e interseccional (CRENSHAW, 1989; GONZALES, 2020; HOOKS, 2019; KERGOAT, 2010; LORDE, 2019; LUGONES, 2014; OYĚWŪMÍ, 2004; SEGATO, 2012; VERGÈS, 2020).

Essas duas epistemes (ecológica e feministas) se situam dentro de movimentos maiores produzidos tanto nas ciências sociais (viradas ontológicas ou corporais), como pelos movimentos feministas que influenciaram pesquisadoras e educadoras a pensar as condições de opressão e desigualdades vivenciadas pelas mulheres no mundo.



Figura 2: Pescadora Márcia carregando as redes de aviãozinho. Foto da pesquisadora.



Figura 3: Pescadora Márcia e a irmã colocando as redes no barco. Foto da pesquisadora

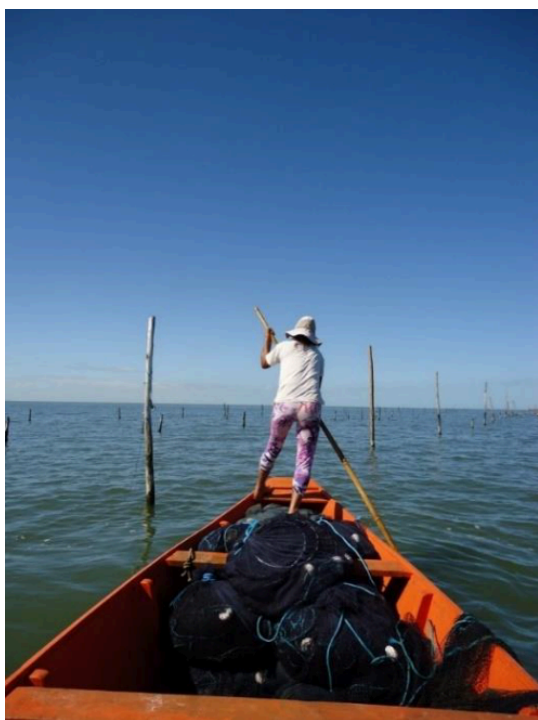


Figura 4 e 5: Pescadora Márcia nas andanas⁷ para fixação das redes de aviãozinho na lagoa dos Patos. Foto da pesquisadora

⁷ Andanas são o conjunto de calões (madeiras fixadas no fundo da lagoa) que formam a estrutura para a colocação das redes de pesca do camarão, chamadas de Aviãozinho.

Algumas etapas da pescaria são bastantes forçosas, as quais demandam muita força e habilidade do corpo da pescadora. Nestas etapas, a prática executada desde criança pelas pescadoras, que inclui o saber adquirido sobre os movimentos das marés e dos ventos, combinado com a compreensão sobre seus corpos dentro de uma embarcação, são grandes aliados para evitar quedas, acidentes e até naufrágios. Estas atividades forçosas acabam por moldar estes corpos. Vejamos o que Márcia nos diz sobre isso:

Tem um jeito, de tanto fazer a gente aprende. Se tu fizer tu aprende também. A pescaria vai mudando o corpo da gente, sabe, a gente de tanto fazer força, fica bruta, olha a minha mão, eu tenho tanta força que as vezes não posso nem brincar com alguém, sou capaz de machucar a pessoa. (Pescadora Márcia).



Figura 6: Pescadora Márcia fazendo nó na rede de pesca. Lagoa dos patos.
Foto da pesquisadora.



Figura 7: Pescadora Márcia puxando a rede de aviãozinho. Foto da pesquisadora.



Figura 8: Pescadora Márcia retirando o camarão da rede. Foto da pesquisadora.



Figura 9: Pescadora Márcia colocando o camarão nas caixas. Foto da pesquisadora.

Valéria Iared & Haydée de Oliveira (2017) nos trazem o conceito de *somaestética*, para se referir à compreensão das ligações viscerais com o mundo e a capacidade humana para significar as experiências. Essa proposta contemporânea percebe uma ontologia na qual nosso corpo está engajado em um fluxo constante e na qual mudamos o mundo da mesma maneira que o mundo nos transforma. Nesse sentido, as pescadoras se veem transformadas pelo mundo da pesca e, também, atentas às habilidades desenvolvidas no processo, reconhecem, através do engajamento contínuo, que é preciso obedecer a certos ritmos para se absterem dos riscos e vulnerabilidades de uma pescaria mal calculada e erroneamente antecipada. A sorte é preciso ter, mas o conhecimento advindo da prática, do engajamento e da observação contínua são fundamentais para o sucesso na pescaria e navegação.

CORPOS EMBARCADOS: PESCADORES INVISÍVEIS OU INVISIBILIZADAS?

Utilizando o conceito somaestética para pensar o mundo da pesca e as mulheres na prática pesqueira, algo nos salta aos olhos: a invisibilização absurda do corpo da mulher pescadora. Segundo as pescadoras, esta invisibilidade não tem limites, *nosso corpo é invisível até para a indústria*, nos diz a pescadora Rozi.

Macacão de oleado⁸, luvas, botas de borracha, bonés e gorros de lã são indumentárias que não podem faltar quando se vai para a pescaria. Entretanto, ainda que seja uma mulher pescando e que isso não seja novidade para quem vive na pesca, parece que para quem desenvolve as roupas, os instrumentos e utensílios, a mulher pescadora não existe.

Tudo na pesca é pensado e desenvolvido para corpos masculinos, a pesca é, portanto, generificada e possui um corpo – o masculino. Jean Lave (2015) nos alerta sobre a importância de considerar e analisar aspectos materiais da prática quando se busca os processos de vir-a-ser. Assim, as pescadoras embarcadas se tornam, a partir de roupas que fabricam corpos masculinos, como também a partir de uma atividade em que as desconsidera. Rose Gerber atenta também para essas questões em sua pesquisa e nos diz:

Escondidos atrás de camadas de tecidos ou do plástico grosso dos macacões, seus corpos passam por uma fabricação e, ao mesmo tempo, por uma dissimulação corporal que as igualaria aos homens tendo em vista que, segundo as pescadoras com as quais convivi, seriam roupas masculinas; de homens (GERBER, 2015, p. 187).

Da mesma forma que as pescadoras de Rose Gerber, as pescadoras desta pesquisa se sentem masculinizadas nas roupas de pesca, sendo a vestimenta mais problemática para a funcionalidade na pesca o macacão de oleado que só existe com corte masculino. No momento das necessidades fisiológicas, as mulheres com macacão de homem se veem em situações complicadas na pesca embarcada.

De longe ninguém sabe que a gente existe, tu olhando assim não dá pra ver que somos mulheres, ficamos iguais a eles. Tu olhando essa foto sou eu ali, nem aparece né, parece homem, mas sou eu. Mas de perto os outros pescadores se dão conta que são mulheres e ficam de olho na hora que vamos fazer xixi. (pescadora Rozi).

⁸ Macacão confeccionado com plástico grosso, cujo nome advém de épocas passadas em que os pescadores literalmente passavam óleo na roupa para que tivesse uma maior durabilidade (GERBER, 2015, p. 49).



Figura 10: Pescadora Rozi no meio na embarcação com os irmãos em cada lado. Lagoa Mirim. Foto da pescadora Rozi.



Figura 11: Pescadora Paula e Roberval . Lagoa Miriam. Foto da pesquisadora.

Se não existe diferença nas vestimentas, ou seja, gorro que esconde o cabelo, luvas que escondem as mãos e macacão e bota que escondem qualquer curvatura corporal, todos os corpos embarcados ficam iguais, conforme demonstram as figuras 10 e 11. Diante disso, olhando de longe a mulher desaparece da pesca embarcada, isso porque se instituiu no imaginário, estruturado, obviamente, por questões sociais, culturais e políticas de que a pesca é atividade exclusiva dos homens.

Mas se *despatriarcalizarmos* nosso olhar, se chegarmos mais perto, indo até as colônias de pesca descentralizando nosso olhar dos espaços ditos masculinos (trapiches e galpões de pesca na beira das águas), vamos encontrá-las, assim como eu as encontrei. E digo mais, foram muitas, e cada passo que eu avançava na pesquisa, mais pescadoras eu encontrava – posso com certeza afirmar que as lagoas são de muitas mulheres e a pesca brasileira não acontece sem a participação delas, em que pese os grandes obstáculos que enfrentam para o devido reconhecimento.

O CORPO EMBARCADO DA PESQUISADORA

Os desafios e conhecimentos foram sendo transferidos à mim conforme a pesquisa se desenvolvia. Para embarcar com elas, o primeiro ensinamento se deu sobre as roupas e calçados que eu deveria usar. Alertaram-me sobre o uso de bonés para dias quentes e gorros para os dias frios. Orientaram-me a prender o cabelo para evitar acidentes que pudessem ocorrer com os cabelos soltos, e me emprestaram um macacão de oleado para não me molhar durante as pescarias. Enfim, fui me tornando lentamente uma espécie de duplo delas.

Para estar na embarcação, eu imitava seus gestos, movimentos. Na maior parte das vezes, usei calça ou bermuda justa, moletom impermeável ou camiseta, boné ou gorro. Se estava calor e não era hora de lançar ou recolher redes, eu ficava de chinelos na embarcação, mas na hora do trabalho vestia as botas e, quando era disponibilizado, colocava o macacão de oleado.

As duas experiências pelas quais passei embarcada com as pescadoras foram com permanência de cinco dias na Lagoa Mirim - pesca da espécie *Viola*, dormindo dentro da embarcação na companhia da pescadora e seu filho, e de três dias no estuário da Lagoa dos Patos, na pesca do *camarão rosa*, ocasião que permaneci com a pescadora e seu irmão nos barcos de pesca. Em nenhuma das situações desembarcamos, ou seja, foram dias ininterruptos dentro das embarcações sem pisar em terra.

Durante esses momentos de pesquisa, e junto com as pescadoras, vi meu corpo sendo moldado em campo, fui aprendendo a me mover deixando meu corpo ser construído na pesca durante o tempo que a pesquisa se fazia, pois, conforme Lave nos ensinou “somos todos aprendizes de nossa própria prática em mudança” (LAVE, 2019, p.134). Desenvolvi força durante as pescarias, minha pele queimou do sol, minhas mãos ficaram grossas e ásperas, aprendi a ter equilíbrio na embarcação para poder me mover, e o cheiro da minha pele se misturou com o cheiro

da lagoa. Essa transformação aconteceu à medida em que assumi ser sombra, carne e vísceras das interlocutoras e assim, poderíamos dizer que o meu corpo, por um breve tempo, se tornou, um corpo da pesca.



Figura 12: A pesquisadora com a pescadora Márcia na pesca do camarão. Lagoa dos Patos. Foto da pesquisadora.



Figura 13: A pesquisadora com a pescadora Márcia na embarcação. Lagoa Mirim. Foto da pesquisadora.

Fui testada em várias situações sobre o enjoo, pois, caso enjoasse, sabia que estaria fora da prática embarcada. *Quem enjoa não é do mar*, narrativa recorrente entre os pescadores e pescadoras. Por sorte, não enjoei em nenhuma das vezes, não porque seja imune ao enjoo, mas sobretudo, porque me preparei para isso. Levei remédios controladores para caso precisasse, e lancei mão da estratégia de comer pouco, a fim de não marear com o balanço das águas. Gerber (2015) e Adomilli (2007) também se depararam com essa preocupação dos pescadores e pescadoras quando embarcaram, e lançaram mão de estratégias e medicações para não enjoar ou superar, em parte, o mal-estar, evitando vomitar.

Ouvi de pescadoras: *te desse bem na pesca, acho que bebesse água de bateira*⁹; ouvi de outras: *talvez teu pai tenha sido pescador e tu não saiba, não mareasse!* Todos esses comentários foram acompanhados, é lógico, por risos e jocosidades, mas foram ditos, primeiramente, porque não enjoei em nenhuma viagem, e, segundo, porque não perceberam medo ou susto de minha parte. Lógico que, na primeira vez que embarquei, senti medo, mas para não as preocupar não deixei que percebessem.

Nas viagens seguintes eu já estava mais acostumada, mas ainda assim as lagoas e a atividade da pesca provocam sempre um certo estado de alerta e demandam muito respeito, seja pela maré que quando está agitada faz o barco balançar demasiadamente, seja pela própria imprevisibilidade das condições meteorológicas, ou ainda, pela força das redes e dos peixes que demandam muito equilíbrio do corpo na embarcação. Um erro, mínimo que seja, pode provocar acidentes sérios e, embora não possa parecer, em ambas as lagoas presenciei ondas imensas que jogavam as embarcações para cima e para baixo como se fosse um barquinho de papel, além ventos de até 50km por hora.

Enfim, embarcar e viver a pesca é uma experiência de fato visceral, multissensorial (IARED; OLIVEIRA, 2017; PINK, 2009) e multiespécie (HARAWAY, 2016; TSING, 2015), e, como não poderia ser diferente, traz com ela muitos sentimentos, emoções e marcas que fazem gerar nas pescadoras um apego à vida na lagoa. Senti-me como as pescadoras se sentem e, então, pude compreender de dentro o que elas me diziam desde os primeiros contatos sobre perigos, liberdades, alegrias.

Senti meu corpo mudar, senti medo, insegurança, mas também senti liberdade, força e coragem. Seguidamente naquele meio aquático, totalmente estranho para mim, me vi impactada. Impactada por estar contemplando tamanha beleza e força das lagoas e dos seres que ali habitam, bem como, as habilidades, conhecimentos e competências das pescadoras na arte de pescar. Impactada por estar diante de redes cada vez mais vazias que revelavam uma escassez pesqueira gritante, pela poluição das águas onde as redes, ao invés de peixes, nos traziam lixo. Impactada pela vulnerabilidade a que as pescadoras estão expostas em suas

⁹ No Dicionário Barsa da Língua Portuguesa, vol. 1, consta o vocábulo "bateira" como sendo: 1. Pequena embarcação sem quilha. 2. Embarcação de fundo chato, de vela ou de remo, usada em pesca fluvial. A expressão "bebesse água de bateira" é usada para dizer que bebendo a água que fica na embarcação, a pessoa está enfeitiçada pela pesca.

embarcações e acampamentos e pela falta de reconhecimento e visibilidade que enfrentam no dia a dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendi que o conhecimento das pescadoras cresce e é cultivado na correspondência, não só de gerações sucessivas, mas também no que é gerado a partir das relações que elas estabelecem com o todo ao redor. As pescadoras não aprendem a pesca pela transmissão de conteúdos que se processam no espaço exclusivo da mente, elas aprendem a ser pescadora fazendo a pesca com seus corpos femininos num engajamento prático e observacional com o mundo, através de corresponsividades com toda a ambiência da pesca.

Experiei a vida com elas e compreendi que pesquisar e pescar estavam na mesma trama, uma vez que a Antropologia faz mais do que nos fornecer conhecimento sobre e com o mundo, ela educa a nossa percepção do mundo, e abre nossos olhos e mentes para outras possibilidades de ser e estar. Assim, o encontro talvez mais radical e transformador desta pesquisa tenha sido o meu comigo mesma, enquanto mulher, antropóloga e educadora ambiental.

Nesse sentido, minha tentativa foi produzir conhecimento fora da caixa. E nisto, as pescadoras embarcadas, e todos/as que compõem o mundo da pesca, sejam humanos/as, não humanos/as e atores/atrizes abióticos/as foram, em maior ou menor grau, fontes de aprendizagens, como professoras/es, mentoras/es e interlocutoras/es.

Com elas aprendi que “ter ritmo na pesca” significa aprender, com base em batidas e pausas, a cadência da vida. É se colocar em movimento de resistência, (re)existência e (re)criação permanente. Sem dúvida, ter ritmo foi o que as interlocutoras, através do tempo e da história, tiveram, através da inteligência, da paciência e da sensibilidade, para aprender e ensinar.

Por fim, estar aberta para o encontro dialógico, prático e observacional com as interlocutoras, fez-me compreender que, neste processo, ensinar e aprender se misturaram e, conseqüentemente, eu e as pescadoras nos transformamos ao longo do percurso. Com elas foi possível afirmar que pescar também é coisa de mulher e, portanto, reconhecer e evidenciar essa diversidade, os saberes e práticas, bem como as desigualdades, as invisibilidades e os conflitos nas formas de existir é, sobretudo, propor outros caminhos na luta por justiça ambiental, pela equidade de gênero e por uma educação democrática contra-hegemônica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOMILLI, Gianpaolo K. **Terra e Mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima: tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São Jose do Norte** – RS. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre, 2007.

CARVALHO, Isabel Cristina; MUHLE, Rita P. Intenção e atenção nos processos de aprendizagem. por uma Educação Ambiental “fora da caixa”. **Revista Ambiente e Educação**. Dossiê Temático Fundamentos da Educação Ambiental v. 21, n. 1, 2016.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero**. 2002. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/09/KimberleCrenshaw.pdf> Acesso em: 23 de jun de 2013.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **As redes do suor: a reprodução social dos trabalhadores da pesca em Jurujuba**. Niterói: EDUFF, 1999. 289 p.

FERREIRA, Maria Aparecida Gomes. “Eu tirava conclusão de uma nuvem pra outra”: uma reflexão sobre histórias, saberes e culturas da pesca artesanal em Arraial do Cabo. **Revista de História Oral**, v. 1, n. 15, p. 9-34, 2012

GERBER, Rose Mary. **As Mulheres e o Mar: Pescadoras embarcadas no litoral de Santa Catarina, sul do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2015

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARAWAY, Donna. **Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes**. ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte | Ano 3, n. 5. p. 139-146, 2016.

HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019

IARED, Valéria G.; OLIVEIRA, Aylée T. O walking ethnography para a compreensão das interações corporais e multissensoriais na educação ambiental. **Ambiente & Sociedade**, v. XX, n. 3. p. 99-116, jul.-set. 2017.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment**. London and New York: Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. **Educação da atenção**. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr.2010.

INGOLD, Tim. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. Londres & Nova York: Routledge, 2011.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Editora Vozes, Petrópolis/RJ, 2020.

MARTINS, Liza | “Te desse bem na pesca, acho que bebesse água de bateira”: conexões multissensoriais com o mundo das pescadoras no Rio Grande do Sul | Tessituras | UFPEL | V12 | N2 | JUL-DEZ. 2024 Pelotas | RS

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 86, p.93-103, mar. 2010.

LAVE, Jean. Aprendizagem como/na prática. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n.44, jul./dez. de 2015.

LAVE, Jean. **Learning and everyday life**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, set-dez/2014.

MALDONADO, Sílvia. **Mestres e mares: espaço e indivisão na pesca marítima**. São Paulo: Annablume, 1994. 284 p.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. **CODESRIA Gender Series**. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8.

PAYNE, P. G. (Un)timely ecophenomenological framings of environmental education research. In: STEVENSON, R. B. et al. **International Handbook of Research on Environmental Education**. New York: Routledge Publishers, 2013. p. 424-437.

PINK, S. **Doing Sensory Ethnography**. London, UK: SAGE, 2009.

SEGATO, Rita L. **Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial**. E-Cadernos CES. n. 18, p. 106-131, 2012.

SILVA, Liza Bilhalva Martins da. **Lagoas de mulheres: pescadoras embarcadas e Educação Ambiental no sistema lagunar-costeiro do/no sul do Rio Grande do Sul**. 2022. 270 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – PPGEA, FURG, Rio Grande, RS, 2022.

STEIL, Carlos A.; CARVALHO, Isabel. Epistemologias ecológicas: Delimitando um conceito. **Mana**, v. 20, n. 1, p. 163-183, 2014.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

TSING, Anna. Margens Indomáveis: Cogumelos Como Espécies Companheiras. **Revista Ilha**, 17, n. 1, p. 177-201, jan./jul. 2015.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: UBU Editora, 2020.

DUARTE, Lourenço. **As redes do suor: reprodução social dos trabalhadores da pesca em Jurujuba**, 1999.